

Tramas coloniais e enredamentos epistemológicos

Colonial plots and epistemological entanglements

Tramas coloniales y enredos epistemológicos

Juliana Gobbi Betti; Ariane Stefanie da Silva; Sabrina Kelly Roza

Resumo

Este artigo buscou compreender como o podcast Tramas Coloniais discute e apresenta a crítica ao conhecimento hegemônico, recuperando a história do colonialismo e valorizando a perspectiva local das nações africanas. Para isso, realiza uma análise de caráter exploratório e descritivo, considerando as estratégias pedagógicas acionadas na narrativa e a especificidade do objeto sonoro a partir de uma perspectiva epistemológica plural.

Palavras-chave: Tramas coloniais; Podcast; Epistemologias plurais.

Resumen

Este artículo busca comprender cómo el podcast Tramas Coloniais aborda y presenta una crítica del conocimiento hegemónico, revisando la historia del colonialismo y valorando la perspectiva local de las naciones africanas. Para ello, se realiza un análisis exploratorio y descriptivo, considerando las estrategias pedagógicas empleadas en la narrativa y la especificidad del objeto sonoro desde una perspectiva epistemológica plural.

Palabras clave: Tramas Coloniais; podcast; epistemologías plurales.

>> Como citar este texto:

BETTI, Juliana Gobbi; SILVA, Ariane Stéfanie da; ROZA, Sabrina Kelly. Tramas Coloniais em Perspectivas Plurais. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 01, p. 78-102, jan./abr. 2022.

Sobre a autoria

Juliana Gobbi Betti
jugobbibetti@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5948-7966>

Doutora e Mestra em Jornalismo pela UFSC, pesquisadora visitante no PPGCOM-UFOP. Bolsista Fapemig. Integra o grupo de pesquisa Convergência e Jornalismo (Conjor) e co-cordena o Grupo de Estudos em Comunicação e Epistemologias Feministas (GECEF).

Ariane Stefanie da Silva
ariane.stefanie@aluno.ufop.br
<https://orcid.org/0009-0003-6262-1101>

Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Pesquisa gênero, representação e mídia. Integra o grupo de pesquisa Convergência e Jornalismo (Conjor) e o Grupo de Estudos em Comunicação e Epistemologias Feministas (GECEF).

Sabrina Kelly Roza
sabrina.roza@aluno.ufop.br
<https://orcid.org/0009-0001-2754-6383>

Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Pesquisa representações de mulheres negras em sistemas de inteligência artificial generativa (GenIAs). Integra o Conjor e o Grupo de Estudos em Comunicação e Epistemologias Feministas (GECEF).

Abstract

This article aims to understand how the Tramas Coloniais podcast discusses and presents a critique of hegemonic knowledge, revisiting the history of colonialism and valuing the local perspective of African nations. Hence, it conducts an exploratory and descriptive analysis, considering the pedagogical strategies employed in the narrative and the specificity of the sound object from a plural epistemological perspective.

Keywords: Tramas coloniais; Podcast; Plural epistemologies.

Introdução

Há pouco mais de 20 anos, em janeiro de 2003, foi promulgada a Lei n.10.639, que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Sem dúvidas, tal legislação representa um avanço importante para a educação nacional, reconhecendo a necessidade de ampliar o conhecimento da sociedade brasileira sobre o tema e intervindo para contribuir com a transformação desse cenário. No entanto, o pouco conhecimento da população sobre tudo aquilo o que se refere aos países africanos não é uma questão relacionada apenas à ausência de conteúdos específicos nos currículos escolares. Com raízes históricas que remetem ao período colonial, esse desconhecimento vem sendo promovido pelas mesmas bases estruturais racistas que ajuda a sustentar, vinculando-se ao complexo enredamento de fatores culturais, econômicos e políticos que caracterizam nossa sociedade. Assim, para além da educação formal, outros espaços de formação, convívio e consumo são essenciais para proporcionar o oferecimento de um quadro de narrativas mais diversas, como já nos alertava Mario Kaplún (2017, p. 24) ao defender que o rádio integra um processo de educação permanente e que as produções sonoras "influenciam a formação de valores e as pautas de comportamento do público". Uma concepção que continua atual e pode ser estendida aos podcasts, embora tenha sido pensada a partir de outro panorama midiático, há quase cinco décadas.

É com esta perspectiva sobre o potencial educativo das produções sonoras que analisamos o “Tramas coloniais”, um podcast narrativo que se propõe a discutir o colonialismo em África. Com uma abordagem exploratória e descritiva (Marconi; Lakatos, 2021; Mustafá, 2024), observamos a utilização de estratégias pedagógicas (Betti, 2021) e elementos auditáveis do som (Meditsch; Betti, 2019) na construção da narrativa. Igualmente, damos continuidade à reflexão epistemológica iniciada em estudos anteriores (Lopez; Betti; Freire, 2025).

Optamos por centralizar a análise no segundo episódio, que se direciona à questão do conhecimento. A produção coloca em debate a forma como a educação e a ciência foram moldadas pelo colonialismo e, também, como foram (e são) utilizadas em estratégias de obtenção e manutenção do poder colonial. Para além, igualmente traz iniciativas de resistência registradas ao longo da história, até os dias de hoje.

A partir da crítica decolonial, buscamos contextualizar a atualidade e os reflexos contemporâneos do colonialismo, destacando sua relação com a produção de conhecimento. Então, apresentamos os procedimentos metodológicos e as reflexões advindas das análises.

Contribuições do pensamento decolonial à crítica do conhecimento

O pensamento decolonial surge como reflexão crítica às estruturas coloniais que foram enraizadas nas sociedades e permaneceram atuando como formas de opressão sobre determinados povos e culturas, mesmo após sua emancipação. Para além de compreender, a decolonialidade busca questionar tais estruturas e formas de dominação oriundas do pensamento ocidental eurocêntrico, e suas consequências sobre a maneira de pensar, saber e ser de diferentes grupos e nações, sendo uma opção epistêmica, teórica e política (Ballestrin, 2013). Portanto, para entender o pensamento decolonial é igualmente necessário compreender conceitos e processos que vieram à priori, como a colonialidade.

A colonialidade do poder, termo cunhado por Aníbal Quijano (2005, p. 117), tem sua origem na colonização das Américas e no desenvolvimento do capitalismo,

que a consolidou como uma forma de dominação global. Entre os principais e mais marcantes eixos desse sistema, está a diferenciação de “raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica: o eurocentrismo” (Quijano, 2005, p. 227).

Conforme argumenta Quijano (2005, p. 121), durante o período colonial foram produzidas novas identidades sociais, colocando a raça e a identidade racial como referências centrais da classificação social que amparava as relações entre os sujeitos colonizadores e colonizados, implicando no “controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento”. Assim, as identidades, que geralmente remetiam à identificação da origem no sentido geográfico, passam a ser instrumentos de hierarquização, colocando os povos colonizados em categorias consideradas inferiores e desvalorizando sua existência como um todo.

Walter Dignolo (2017, p. 14) destaca que as bases da decolonialidade foram estabelecidas na Conferência de Bandung de 1955, na qual 29 países da Ásia e África se reuniram com o objetivo de encontrar uma visão comum para um futuro, mas que pudesse ser diferente dos sistemas hegemônicos em disputa.

Não se tratava de uma “terceira via” ao estilo de Giddens, mas de desprender-se das principais macro-narrativas ocidentais. Foi imitada pela conferência dos Países Não Alinhados que aconteceu em Belgrado em 1961, na qual vários estados latino-americanos somaram suas forças aos asiáticos e africanos. Os condenados da terra de Frantz Fanon foi publicado também em 1961. Faz, portanto, 53 anos que se estabeleceram os fundamentos políticos e epistêmicos da decolonialidade (Dignolo, 2017, p. 15).

Dessa forma, a Conferência de Bandung representou um marco na reflexão sobre outras formas de organização política, econômica e social, e igualmente abriu caminhos para a construção de epistemologias e práticas que as afastassem das narrativas ocidentais.

Dignolo (2017) reforça que a decolonialidade não se apresenta como

tentativa de substituir paradigmas existentes, mas surge como uma opção que visa romper com as hierarquias estabelecidas pelo pensamento eurocêntrico. Nesse sentido, ao se desvincular dessas estruturas, a decolonialidade se propõe a pensar e a reconhecer a pluralidade dos indivíduos e de seus saberes, legitimando assim seus conhecimentos. Logo, defendendo que a modernidade e a colonialidade se constituem alicerces do padrão de dominação e do poder capitalista, o pensamento decolonial é diverso e se ampara em

[...] um amplo número de fontes, desde as teorias críticas europeias e norte-americanas da modernidade até o grupo sul-asiático de estudos subalternos, a teoria feminista chicana, a teoria pós-colonial e a filosofia africana. (...) Sua principal força orientadora, no entanto, é uma reflexão continuada sobre a realidade cultural e política latino-americana, incluindo o conhecimento subalternizado dos grupos explorados e oprimidos (Escobar, 2003 apud Ballestrin, 2013, p. 99).

A decolonialidade, no entanto, não se limita ao campo teórico, mas visa se manifestar como uma ferramenta política capaz de identificar as hierarquias de poder e trazer conhecimentos necessários para lutar contra as imposições que lhes são inerentes.

Neste sentido, Maria Lugones (2014, p. 935) defende que “lógica categorial dicotômica e hierárquica é central para o pensamento capitalista e colonial moderno sobre raça, gênero e sexualidade”. A autora salienta que o colonialismo não apenas impôs hierarquias raciais, mas reestruturou as relações criando distinções, inclusive, sobre aqueles que seriam considerados humanos e não humanos.

[...] compreendo a hierarquia dicotômica entre o humano e o não humano como a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. (Lugones, 2014, p. 936)

O argumento de Lugones (2014) aponta que o colonialismo, além de racializar os corpos, estruturou-os em um sistema de gênero que colaborou para a desumanização desses indivíduos. Assim, essas categorias foram usadas para legitimar a opressão racial, que para as mulheres negras acaba ainda hoje se alternando entre a hipersexualização e a invisibilidade e para os homens negros se fixa atrelando-os à uma tendência ao comportamento violento. Ao mesmo tempo,

[...] o homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. (Lugones, 2014, p. 936)

Dessa maneira, a crítica à colonialidade do gênero mostra que raça e gênero faziam parte do projeto de dominação, reforçando as hierarquias de poder existentes ao privilegiar sujeitos e culturas eurocêtricos.

Nesse contexto, a desobediência epistêmica proposta por Mignolo (2021) é fundamental para romper com a epistemologia dominante. Para o autor (Mignolo, 2021, p. 27), desobediência epistêmica significa o ato de desvincular-se da ilusão da epistemologia do ponto zero. A desobediência epistêmica conduz a alternativas decoloniais que compartilham o objetivo de resistir aos impactos do colonialismo, cujas consequências afetaram diversas populações, sendo estas submetidas à expropriação de terras e recursos, imposição de autoridades monárquicas, estatais ou religiosas, ao controle militar e policial, bem como a colonização dos saberes, línguas, sistemas de crenças e subjetividades (Mignolo, 2011, p. 45).

Entender a decolonialidade como aparato epistemológico na construção de saberes científicos é, portanto, romper com a ideia eurocentrada e colonial da ciência hegemônica. Quando direcionamos nosso olhar para a Comunicação, Eloína Castro Lara (2022) afirma que o campo, por si só, já representa um espaço de disputa de sentidos onde a hegemonia do discurso se escora sob pilares eurocentristas e colonizadores.

Assim, a própria lógica do campo é construída através do silenciamento de outras formas de racionalidade, na colonização da linguagem e do discurso, na subordinação e na “construção parcial do outro, que configura e limita o ser, o poder, o saber e o fazer a partir da potência da comunicação” (Lara, 2022, p. 37, tradução nossa¹).

Dessa forma, se torna importante olhar para a Comunicação como possibilidade de resistência e espaço para a construção de discursos contra-hegemônicos. Nesse sentido, a decolonialidade passa a ser apropriada pelos estudos em Comunicação, de forma a

[...] repensar e recuperar outras formas próprias de pensar em tensão com as relações epistêmico-políticas e as afirmações de conhecimento que se produzem no ser-saber-poder-fazer comunicacional na região latinoamericana desde sua institucionalização e que ainda é funcional à representação colonial e os esquemas cognitivos impostos pela posição geohistórica que ocupa (Lara, 2022, p. 36, tradução nossa²)

Para a autora, aplicar uma perspectiva decolonial na Comunicação necessita de um olhar para quatro eixos principais: História, Política, Ética e Território (Lara, 2022). Inicialmente, decolonizar a história implica em expor as lógicas de funcionamento interno que a levaram a existir, desarticular as maneiras de se fazer história e colocar em pauta visões próprias do território e da cultura de onde se parte a análise, o que, de acordo com Lara (2022, p. 39), não ocorre, devido ao silenciamento de outros saberes pelos arquivos e historiadores.

Decolonizar o caráter político da Comunicação significa optar por tramas que disputam o controle discursivo e simbólico, resistindo contra a violência racial e epistêmica dos meios informativos e midiáticos (Lara, 2022). Pensar os processos de decolonizar o campo, através da política, significa reconhecer outras identidades,

¹ Do original: [...] En la construcción parcializada del otro, que configuran y limitan el ser, poder, conocer y hacer desde la potencia comunicacional.

² Do original: [...] (re) pensar y recuperar unos otros pensares propios en tensión con las relaciones epistémico-políticas y las afirmaciones de conocimiento que se producen en el ser-saber-poder-hacer comunicacional del establishment cientificista occidental, que han determinado el tipo de pensamiento comunicacional en la región latinoamericana desde su institucionalización y que aún es funcional a las representaciones coloniales y a los esquemas cognitivos impuestos por la posición geohistórica que se ocupa.

aceitar outros regimes de comunicação, assim como movimentos de resistência que buscam deslegitimar discursos construídos a partir de um imaginário eurocentrado, que promovem ideais racistas e de múltiplas opressões (Lara, 2022).

Uma ética da Comunicação, construída através da matriz colonial, invisibiliza e silencia sujeitos e suas narrativas, normalizando histórias violentas, racistas e de exclusão (Lara, 2022). Assim, decolonizar a ética moderna/colonial significa

[...] a destruição de valores traçados pelas lógicas capitalistas globalizantes ancoradas em projetos de morte. Se trata, portanto, de ressignificar a vida e fazer uma aposta autoconsciente de reconhecimento pelo direito do outro a ser, conhecer, poder, dizer e fazer, que articulem outras formas de existências além das do sujeito colonial (Lara, 2022, p. 41, tradução nossa³)

Por fim, olhar para o território significa romper com o espaço colonizador que cria abismos entre a natureza e os seres humanos, sujeitos (colonizadores) e não sujeitos (colonizados). É direcionar a importância do território para o sentimento de coletividade, do pertencimento e do saber. É perceber, como observado por Lara (2022, p. 44, tradução nossa⁴) como o “território forja a corporalidade, o sentido de comunidade e a cosmologia a partir da qual somos, sabemos, podemos, fazemos e sentimos.

Portanto, além da necessidade de distanciamento, destaca-se a urgência de ampliarmos a crítica ao pensamento e às práticas coloniais, potencializando o espaço e a voz de outros saberes e formas de ver o mundo a partir da mídia e dos espaços de informação. Ao pensarmos em romper com o discurso hegemônico moderno/colonial, a mídia pode ser um espaço potente para que isso ocorra na prática.

Na esfera da produção sonora, observamos o potencial do podcast para

³ Do original: Decolonizar la ética del proyecto Moderno/Colonial implica la destitución de los valores trazados por las lógicas capitalistas globalizantes ancladas en proyectos de muerte. Se trata por tanto de re-significar la vida y hacer una apuesta autoconsciente de reconocimiento por el derecho del otro a ser, conocer, poder, decir y hacer, que articulen otras formas de existencia más allá de las del sujeto colonial.

⁴ Do original: el territorio forja la corporalidad, el sentido de comunidad y la cosmología desde las cuales somos, conocemos, podemos, hacemos y sentimos.

aproximação do público com a divulgação científica, devido a sua acessibilidade, flexibilidade de consumo e popularização nos últimos anos. Ao trazer discussões de cunho científico para o formato de áudio digital, os podcasts podem funcionar como uma forma de democratização do conhecimento, consolidando-se como uma potente ferramenta de divulgação científica, com maior abertura aos saberes diversos. Como é o caso do Tramas Coloniais.

“Tramas coloniais” na perspectiva decolonial

Tendo como foco a história da colonização da África, o podcast Tramas coloniais discute não só as complexidades e opressões durante o período colonial, mas também seus impactos na atualidade e na forma como compreendemos o mundo. Tendo como slogan “uma imersão no passado para tentar entender o presente e, quem sabe, projetar o futuro”, o podcast propõe olhar para a colonização a partir de suas complexidades e das nuances que contribuíram para que seus ideais permanecessem arraigados nos países colonizados, resistindo aos processos de emancipação e independência.

Com sete episódios no total, publicados entre outubro e novembro de 2024, Tramas Coloniais aborda temas como a origem da colonização, as relações do colonialismo com território, conhecimento e racismo, além de formas de resistência e resgate da memória africana.

Quadro 1. Lista de Episódios

EPISÓDIO	TÍTULO	DURAÇÃO
1	O que é colonialismo?	36'23"
2	De onde vem seu conhecimento?	42'48"
3	Quem pode nos julgar?	42'47"
4	Qual a cor do projeto colonial?	39'00"
5	Por que tem gente que acha isso bonito?	50'39"
6	Quem manda no chão?	47'16"

7	É possível lembrar de outro jeito?	54'49"
---	------------------------------------	--------

Fonte: Elaborado pelas autoras com informações do podcast Tramas coloniais (2024)

Com realização da produtora Escuta Aqui, o projeto é fruto de uma parceria entre as pesquisadoras Fernanda Thomaz, da Universidade Federal de Juiz de Fora, e Raquel Sirotti, do Max-Planck-Institut für europäische Rechtsgeschichte, na Alemanha. De acordo com a ficha técnica, a equipe conta com a contribuição de: Mauro Manhanguale, Karolyne Mendes e Bianca Silva (pesquisa e entrevista); Raquel Sirotti (produção e apresentação); Gabriela Montoni (apresentação e supervisão dos roteiros); Janaína Oliveira e Caio Santos (locuções adicionais); Marcelo Londoño (gravações de campo e fotografia); Rodrigo Alves (roteiros e direção geral); Thales Ramos (supervisão dos roteiros); Clara Costa (edição e desenho de som); Giovanna Orsini (assistente de edição); Gabriel Falcão (trilha sonora original); Danny Dee (supervisão técnica); Tiago Rogero (consultoria de locução); Mayara Ferrão (identidade visual e ilustrações); Mariana Tavares (site) e Emily Sabino (redes sociais).

A produção está disponível nas plataformas Spotify, Deezer e Apple Music, e em seu site oficial⁵, que, além dos episódios, conta com conteúdos extras como: transcrição do roteiro, indicações de leitura, arquivos de imagem e audiovisuais utilizados ou comentados nos episódios e outros materiais históricos. Nas redes sociais, possui perfis no Instagram, TikTok, X (antigo Twitter) e Bluesky.

Conforme anteriormente explicitado, a análise aqui proposta parte da discussão apresentada por Lopez, Betti, Freire (2025) ao defenderem uma maior pluralidade epistemológica para os estudos radiofônicos. Empreendemos um movimento ainda exploratório, buscando refletir sobre técnicas e procedimentos de análise que respeitem a especificidade do objeto sonoro. Optamos por conduzir um estudo de caráter descritivo, destacando não apenas o conteúdo do podcast, mas como o debate se reflete na própria produção, tendo em conta ainda as estratégias

⁵ Site oficial do Tramas Coloniais: <https://tramascoloniais.com.br/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

pedagógicas acionadas (Betti, 2021) e os elementos auditáveis do som (Meditsch; Betti, 2019).

Intitulado “De onde vem o seu conhecimento?”, o segundo episódio da série e foco desta análise, possui a seguinte descrição no site:

De que forma o conhecimento na África é moldado pelo colonialismo? A ciência ocidental como ferramenta de domínio, a antropologia a serviço da colonização, o papel de católicos e protestantes na imposição de novos saberes e crenças. A educação como instrumento de controle, mas também de resistência. Fomos até a casa da primeira professora universitária da Nigéria e participamos de um encontro em Moçambique que reuniu sob o mesmo teto a produção acadêmica e os saberes locais. (Tramas Coloniais, 2024)

O episódio inicia com uma ambientação sonora, o primeiro som a chamar atenção do ouvinte é o acionamento do alarme de um carro envolto em muitas conversas. O alarme cumpre dupla função, servindo tanto de ambientar o que parece ser a chegada de alguém ao local quanto de despertar a atenção do ouvinte para o pronto início da narrativa. As pessoas conversando também ajudam a construir o cenário sonoro do ambiente, aludindo à movimentação de um pátio universitário no início de um período de aulas. Ainda, o som de um instrumento de percussão, utilizado como BG, vai estabelecendo o ritmo e criando outra camada de ligação entre a fala e a ambientação.

A locutora (Raquel Sirotti) se apresenta e convida a audiência para acompanhá-la em sua ida à Universidade Pedagógica de Maputo, em Moçambique, relatando sobre o objetivo de sua presença lá, em novembro de 2023: participar de uma conferência internacional que discutiria a produção de conhecimento, refletindo “sobre quem produz, quem detém, quem manipula e quem ganha dinheiro e reconhecimento com isso” (Tramas coloniais, 2024). Fornecendo algumas informações básicas que nos dão mais pistas sobre o local - como a quantidade de estudantes matriculados -, pede que imaginemos uma cena, iniciando o áudio de um vídeo gravado por ela. Trata-se de um canto de mulheres acompanhado de algumas palmas, uma sonoridade que lembra cantigas femininas populares, como os chamados cantos de trabalho, remetendo à celebração e à coletividade. Com o áudio ao fundo, a locutora inicia a descrição da cena retratando de forma simples o

local e explicando que as mulheres estão cantando e dançando para chamarem as pessoas para o (re)início das atividades da conferência. Uma palavra de origem *tsonga*⁶ é evocada para falar sobre a forma como elas estão vestidas, utilizando capulanas. A definição “panos longos coloridos muito tradicionais em Moçambique” vem seguida da forma que elas utilizam, “amarrados em volta da cintura como se fosse uma saia”, logo após a menção à capulana. E assim, a locutora vai detalhando a cena ao mesmo tempo em que apresenta elementos da cultura local. A seguir, conta que tais mulheres também estavam participando da conferência, afirmando que são *Nyangas*. É interessante observar que a explicação sobre o que termo não vem de um diálogo do momento e nem de uma representante do grupo, mas de outro pesquisador, um homem, em entrevista gravada alguns dias depois do evento. Este homem é Benjamim Macuácuá, sociólogo e pós-graduado na área de Antropologia Médica e Saúde Pública, e que se identifica também como *Nyanga*, explicando que:

[...] quando nós falamos do *Nyanga*, nós estamos a falar do pacote completo. Estamos a falar de um produto final, ok? Mas este produto final é um produto de um processo, um processo muito complexo. O *Nyanga* é aquela pessoa, na nossa cultura, na nossa tradição, é aquela pessoa que congrega vários saberes. Tem a capacidade de interpretar conteúdos espirituais, ele tem a capacidade de fazer a ligação entre os vivos e os mortos, mas o *Nyanga* também é aquela pessoa, é aquela pessoa que tem a capacidade, tem as habilidades, tem o conhecimento de lidar com plantas, lidar com recursos marinhos, lidar com recursos animais também, para cuidar de patologias, para cuidar de doenças.⁷ (Tramas Coloniais, 2024)

Em sua fala, a partir do reconhecimento feito em sua própria apresentação, o entrevistado reforça a complementaridade dos diferentes saberes, representados pela sua formação acadêmica e seu status social. Contudo, a questão não é aprofundada. Este início funciona como uma chamada mais elaborada para o que está por vir. A locutora, no entanto, reafirma a importância do conceito, definindo-o como “muito simbólico do tema” do episódio. A chamada é acompanhada por outra

⁶ Língua banta, com variantes regionais, falada em Moçambique.

⁷ Entrevista concedida a Karolyne Mendes, assistente de pesquisa e produção do Tramas Coloniais.

BG, também com batidas bem compassadas.

É neste mesmo momento que a segunda locutora (Gabriela Montoni) se apresenta e passa a atuar com a profissional que comandava a narrativa até então, revezando pontualmente as vozes. Igualmente, apresentando a proposta geral do podcast, a locutora informa a centralidade da África na produção. É junto com a pronúncia do nome do continente que a música utilizada muda para uma faixa que, segue ritmada, mas traz maior diversidade de instrumentos, como se iniciasse uma grande banda.

A prática da chamada se repete, evidenciando o trecho de uma conversa com a primeira professora universitária na Nigéria, utilizando uma breve sonora em inglês, sem tradução ou mais informações sobre a entrevistada. De modo geral, na produção de conteúdos informativos, as chamadas buscam destacar os assuntos mais relevantes ou interessantes, pressupondo que adiantar temas ou conteúdos pode estimular a curiosidade da audiência, incentivando sua disposição em permanecer acompanhando o restante da produção.

Seguindo uma estratégia pedagógica básica, a explicação, as locutoras afirmam que é preciso estabelecer bases comuns para que todas/os possam compreender as discussões. Em seguida, passam a explicar o conceito de epistemologia, anunciando que o termo “complicado” estava na base daquele episódio. Sem citar nenhum autor, tentam simplificar o conceito sem deixá-lo simplista, assim afirmam que:

Na definição mais simples, epistemologia é o estudo do conhecimento. Essa definição, aliás, tá na própria palavra, de origem grega: episteme é conhecimento, e logia é estudo. Num conceito mais amplo, epistemologia é a forma como a gente observa, interpreta e explica o mundo que está à nossa volta. Por exemplo: se você quer saber se vai chover hoje, você pode olhar as nuvens pela janela, mas também pode checar a previsão do tempo no seu celular. Quando você faz isso, você está fazendo um exercício epistemológico, considerando diferentes fontes de conhecimento pra descobrir se vai chover. E como dá pra ver nesse exemplo, essas fontes de conhecimento podem ser múltiplas e variadas. A maneira como a gente entende o mundo não é sempre a mesma. A epistemologia não é uma coisa neutra nem universal. Ela reflete o jeito como a gente se relaciona com os lugares, com as pessoas, com a política... e o jeito como a gente produz conhecimento. (Tramas Coloniais, 2024)

No áudio, os parágrafos são cortados pelo som de chuva, com trovão e o barulho da água. Aqui, o uso de efeitos é mais um reforço do que estava sendo dito do que uma informação nova ou complementar. De modo que os sons em si não assumem nenhum papel inicial relevante para o entendimento do tema tratado, mas ajudam a enriquecer a compreensão a partir da composição sonora.

A preocupação em facilitar a apreensão do conceito de epistemologia demonstra a intenção de ampliar o diálogo com o público não acadêmico. Sem prejuízo, a tomada de posição sobre o fazer científico e a produção do conhecimento indica aos mais atentos a perspectiva adotada pelo podcast. Neste ponto, destacam-se a crítica à pretensa neutralidade da ciência e a ideia de que a produção de conhecimento não está restrita ao ambiente acadêmico-científico, mas integra um sistema mais amplo que permite a um grupo a compreensão do seu entorno.

Para relacionar a epistemologia e a colonialidade, especialmente a partir da percepção eurocentrada da existência do “eu e o outro”, retoma-se o pensamento do filósofo congolês Valentin-Yves Mudimbe, intelectual que já havia sido apresentado no episódio anterior. O trecho citado integra a obra “A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento”, originalmente publicada em 2013, e expõe como a colonização dos países africanos instaurou dicotomias entre “tradicional versus moderno; oral versus escrito e impresso; comunidades agrárias e de costumes versus civilização urbana e industrializada; economias de subsistência versus economias altamente produtivas” (Mudimbe, 2019, p. 22). Em sua obra, o autor discute como essa mesma base epistemológica permitiu a construção de uma narrativa sobre o Outro africano, uma “invenção da África”, atribuindo-lhe o atributo de primitivo. Para abrir a citação utilizada no podcast, o som de páginas virando cumpre o papel das aspas no texto impresso, indicando que se trata da leitura de um trecho. Este recurso será utilizado em outros momentos semelhantes ao longo da produção.

As locutoras seguem aprofundando o tema com uma abordagem que busca estimular o pensamento crítico, chamando o público para refletir a partir de questões-guia que trazem o tema para sua vivência e cotidiano:

Vale pensar numa provocação feita pelo Mudimbe: até que ponto nós somos dependentes da epistemologia europeia e colonial? Ou seja, do jeito como o europeu colonizador interpreta o mundo. E ele não tá falando só dos vilões da colonização não, tá? Isso é sobre todos nós: eu, a Raquel, você que tá ouvindo. Até que ponto o nosso jeito de interpretar as coisas tá contaminado pela herança colonial? O jeito como você faz o seu trabalho, o jeito como esse podcast é produzido... dá pra se desvencilhar dessa herança na hora de produzir conhecimento? (Tramas coloniais, 2024)

Retomando o pensamento de Mudimbe, as locutoras ressaltam como a separação de raças e o dominação de negros africanos por brancos europeus é temporariamente justificada pela ciência, explicando o que viria a ser as bases da eugenia. Ao explicar a eugenia, o podcast faz uma crítica à ciência moderna chamando atenção para o fato de que seus reflexos ainda podem ser encontrados. Esta questão voltará a ser mencionada mais adiante, no mesmo episódio. Por enquanto, o diálogo segue com outro intelectual moçambicano, o sociólogo Elísio Macamo. Em sua fala, Macamo destaca que, a partir do momento em que a interpretação do mundo passa a ser racializada, simplesmente negar a existência dessa categorização, ou seja, afirmar que raça não existe, equivale a ignorar o sofrimento daqueles que mais sentem seus efeitos negativos. Com isso, estabelece-se um importante contraponto ao senso comum de que seria possível combater o racismo (e outras formas de discriminação) somente atuando como se todas as pessoas fossem iguais.

Numa ponte entre passado e futuro, o podcast continua, iniciando a transmissão do som ambiente de um espaço público e a mesma BG ritmada. Logo, as locutoras contam que o som se trata de uma gravação atual da paisagem sonora de Colwyn Bay, um balneário localizado no Reino Unido, mas que elas querem que a audiência imagine como era esse lugar no fim do século 19, dando pistas que remetem não ao ambiente em si, mas aos personagens que serão apresentados. A descrição de uma fotografia em preto e branco caracteriza alguns traços, as

expressões, as roupas e a postura dos meninos Kinkasa e Nkanza, e do missionário inglês William Hughes, membro da Igreja Batista. As crianças, congolezas, foram levadas para serem educadas fora de seu país de origem, como parte de uma iniciativa que seria posteriormente ampliada e defendida pelo reverendo Hughes por meio de seu Instituto de Treinamento do Congo, localizado em Colwyn Bay.

A história busca discutir o papel da educação na conformação e permanência das estruturas coloniais, ressaltando “[...] o caráter civilizador do colonialismo. Que passa pela religião, mas também pela arte, pela música, pelo cinema...” (Tramas Coloniais, 2024). Para isso, as locutoras recuperam diferentes documentos históricos, como a imagem descrita, um livro publicado por Hughes⁸ e documentários (um atual e outro que data do período colonial). O posicionamento da produção aparece mais uma vez bem demarcado no texto e na entonação da locutora, que enfatiza algumas palavras-chave, como “bastante”:

Além de evangelizar, o reverendo William Hughes queria introduzir na mente daqueles estudantes africanos as bases da epistemologia ocidental. Nessa linha de pensamento bastante problemática, aquelas pessoas só adquirem valor se forem moldadas de acordo com o sistema de conhecimento europeu. Nesse caso, bem longe de casa. Sem falar que nem todos os alunos se adaptavam, ou até sobreviviam a essa experiência.

A contextualização com informações históricas é um recurso que aparece de forma regular. Nomes, datas e acontecimentos marcantes vão compondo um conjunto de informações que permitem estabelecer relações entre o que acontecia em cada país, as similaridades e singularidades de cada processo, ampliando o referencial da audiência sobre o tema. Do mesmo modo, utiliza-se este recurso como forma de iniciar uma mudança de ambiente.

O Congo se tornou independente da Bélgica no dia 30 de junho de 1960. Mas agora a gente vai pra Gana, onde esse processo já tinha acontecido três anos antes. Gana foi o primeiro país da África subsaariana a se tornar independente. A colonização inglesa chegou ao fim em 6 de março de 1957. (Tramas coloniais, 2024)

⁸ Livro intitulado: A África obscura e o caminho de saída: um esquema para civilizar e evangelizar o continente obscuro.

O uso de áudio é a estratégia escolhida para reambientar o público. Além da documentação histórica, a música também é acionada. A mudança de ares do Congo para Gana é anunciada textualmente, mas a música (*"Birth of Ghana"*) e o trecho do discurso de independência proferido por Kwame Nkrumah, primeiro presidente do país, cumprem a dupla função de trazer ou reforçar informações e de retratar o clima político-social do momento. Toda a sonoridade do discurso, incluindo o tom de Nkrumah ao discursar, é marcante neste sentido, mas a locutora agrega ainda uma informação que estava restrita ao vídeo, afirmando que o presidente gesticulava bastante com a mão direita. Um trecho do Hino de Gana, pertencente à mesma gravação do discurso de Nkrumah, também é utilizado.

Finalizando esta passagem, a imaginação do público é indiretamente evocada, agora para visualizar uma pintura. Além da relevância da curiosidade mencionada, a descrição da obra funciona quase como um resumo dos principais pontos que vinham sendo debatidos até então, ressaltando, no entanto, a perspectiva de resistência do povo que havia sido colonizado e não a conquista do colonizador.

Assim que assumiu o poder, Kwame Nkrumah colocou na ante-sala do gabinete da presidência uma pintura enorme. Uma arte que representava a luta dele contra o colonialismo, com os grilhões da escravidão sendo quebrados. Esse quadro mostrava também três homens brancos fugindo apavorados. Um era o missionário, com a bíblia na mão. O outro era o capitalista, carregando uma pasta. E o terceiro homem segurava um livro chamado "Sistemas políticos africanos", um clássico da Antropologia Social Britânica. Essa obra muda a concepção de que os africanos viviam em total barbárie e defende que o continente também tinha organização política, só que num formato diferente do europeu. (Tramas coloniais, 2024)

Uma cortina de transição indica a mudança de foco, e a ciência é então colocada novamente no centro da discussão. Relembrando as duas perspectivas que já haviam sido apresentadas no episódio - da antropologia africana e da eugenia-, historicizar foi estratégia escolhida para seguir abordando o desenvolvimento do discurso antropológico colonialista. A comparação ajuda a entender e dimensionar a importância do antropólogo nos séculos XIX e XX,

relacionando-os com os navegadores e os missionários dos séculos anteriores, figuras que são geralmente mais conhecidas por seu destaque no relato histórico hegemônico trabalhado desde os anos iniciais das escolas brasileiras.

Nesta sequência, o podcast recorre novamente ao exemplo de Moçambique, país que foi colônia portuguesa até 1975, trazendo a leitura de trechos da portaria que criou e instruiu a Missão antropológica e etnológica de Moçambique, em 1945. Toda a leitura é feita por uma voz masculina (Caio Santos), a mesma utilizada em outros momentos similares, de forma a estabelecer ao mesmo tempo um sentido de identidade sonora e uma diferenciação explícita para com a fala das locutoras. Depois desta Missão, outras tantas foram realizadas com o apoio do governo até a independência, causando grande impacto na produção do conhecimento sobre o local. A partir das diretrizes do documento, a locutora comenta as informações reforçando um direcionamento interpretativo, retomando uma explicação anteriormente dada e, novamente, redirecionando a narrativa para a experiência dos sujeitos que viviam sob o domínio da colonização.

Acho que ouvindo esses trechos dá pra sentir que essas missões antropológicas seguiam a cartilha do colonizador que só reconhecia a própria cultura como legítima. O nativo era sempre o diferente, o outro a ser dominado. Como a gente já falou no primeiro episódio, o colonialismo não é só uma prática de administração, ele é também uma expressão de consciência. E o discurso antropológico emergiu para dar um verniz científico a essa consciência. Mas se a educação era uma ferramenta de domínio na mão dos colonizadores, ela também se tornou uma arma de contra-ataque na mão dos colonizados. (Tramas coloniais, 2024)

É neste ponto que a interseccionalidade entre raça, classe e gênero aparece com mais nitidez, a educação como forma de mudança social. A locutora nos conduz pela trajetória da nigeriana Felícia Adetowun Ogunsheye. Sua história já tinha sido anunciada em uma chamada no início do programa, embora ainda sem menção ao seu nome, na ocasião a referência utilizada foi “uma mulher de quase 100 anos de idade, que foi a primeira professora universitária do país” (Tramas coloniais, 2024).

Os áudios da entrevista, concedida em inglês, vão sendo intercalados com a tradução não literal da locutora, que também conduz o fio da narrativa, contextualiza e completa as informações dadas por Ogunsheye. Desta forma, conhecemos as memórias de uma mulher que, em meados dos anos 1940, conseguiu ser admitida e se diplomar na *Yaba Higher School*, a primeira instituição de ensino superior da Nigéria. No relato, entrevistada e locutora ressaltam os desafios desse pioneirismo para uma jovem de 19 anos, especialmente sendo a única mulher estudante da instituição durante todo seu primeiro ano de curso. São destaques o questionamento masculino sobre sua atitude desafiadora (assim entendida pela própria presença dela na instituição) e sobre seu pertencimento naquele espaço, até então exclusivamente masculino (o que era tão culturalmente arraigado, que não constava no regulamento, brecha utilizada por Ogunsheye para garantir sua permissão depois de passar nos testes admissionais). A conclusão da história, no entanto, não se dá neste feito, e a conversa segue mostrando como a educação abriu portas para que Ogunsheye pudesse frequentar também espaços da elite britânica - como o *Newnham College*, faculdade feminina da Universidade de Cambridge, Inglaterra -, além de atuar em locais como a *Aliança Internacional das Mulheres* e na *Universidade de Ibadan*.

O olhar para a educação ganha novamente maior centralidade com um amarrado de iniciativas em diferentes países, todas conduzidas por homens. Não há informações sobre a situação das mulheres nesses locais.

Felicia Ogunsheye começou a desenvolver os seus estudos depois da Segunda Guerra Mundial. Antes disso, a colonização na África priorizava o ensino primário, pra formação de mão-de-obra, e menos de 2% dos africanos tinham acesso ao ensino secundário. Em muitos lugares, a saída era criar sistemas escolares independentes. O povo Kikuyu, o mais populoso do Quênia, fundou mais de trezentas escolas entre 1920 e 1952. E a educação foi usada por africanos para produzir conhecimento sobre os seus povos. Em Uganda, Sir Apolo Kagawa foi um dos maiores intelectuais do país no período colonial. Ele passou a escrever e publicar a sua versão da história e dos costumes locais. Em Camarões, um líder Bamum chamado Ibrahim Njoya inventou um idioma e uma escrita para registrar a história de seu povo, o sistema jurídico e até os fundamentos de uma nova religião reunindo elementos do Islã, do Cristianismo e das práticas locais. Antes de Njoya, o conhecimento no reino Bamum era transmitido de forma oral, e era assim que funcionava em muitos

lugares da África. A oralidade é um valor ancestral africano muito importante. Os poetas, por exemplo, tiveram um papel fundamental na educação, inclusive na difusão de ideias emancipatórias [...]. (Tramas coloniais, 2024)

Não obstante, é preciso reconhecer que as realizações narradas atuam na desconstrução de estereótipos atribuídos aos povos africanos no período da colonização, especialmente evidenciando as formas de resistência, preservação cultural e desenvolvimento social. Neste sentido, a posterior distinção de Angola, contribui para ilustrar a relação entre a educação e os processos emancipatórios a partir da história de Agostinho Neto, poeta que se tornou o primeiro presidente angolano após a independência.

Passados quase trinta e cinco minutos, ao se aproximar do final do episódio, as locutoras iniciam um movimento de retomada e amarração dos conteúdos abordados. Logo, retomam a questão inicial sobre a possibilidade de nos esquivarmos da herança colonial na produção de conhecimento, apontando dificuldades, críticas e caminhos para que isso possa ocorrer. Aqui, o pensamento de outras duas mulheres é introduzido. A primeira é a intelectual nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí, cujas obras foram recentemente publicadas no Brasil. No livro citado, *A invenção das mulheres*, Oyěwùmí estabelece uma crítica à pretensa universalidade científica da categoria gênero, demonstrando que antes da colonização britânica a sociedade nigeriana tinha a senioridade como base, ou seja, as relações de poder estavam constituídas no terreno das relações etárias. O que a autora discute, e o podcast ressalta, é a “mudança epistemológica ocasionada pela imposição das categorias de gênero ocidentais sobre o discurso iorubá” (Oyěwùmí, 2021, p. 19). Com isso, abre-se a crítica à produção científica local que, por vezes, acaba sendo direcionada pelo olhar europeu, desconsiderando outros saberes. Atribuída ao filósofo beninense Paulin Hountondji, a crítica ganha aproximação com o Brasil a partir do diálogo com a segunda mulher citada, a filósofa brasileira Sueli Carneiro. Dela, emprestam a interpretação do conceito de epistemicídio para identificar o apagamento de saberes não pertencentes à epistemologia europeia.

Por fim, voltando ao cenário inicial do podcast, a conferência realizada na Universidade Pedagógica de Maputo, as locutoras chamam a atenção para um

painel que “tratou de conhecimentos endógenos, ou seja, conhecimentos que são produzidos por agentes locais, que pertencem a eles, e que partem das suas epistemologias, muitas vezes diferentes das epistemologias ocidentais” (Tramas coloniais, 2024). Com o som ambiente da conferência ao fundo, o destaque do conteúdo vai para a presença e moderação da historiadora moçambicana Matilde Muocha, professora universitária e praticante da medicina tradicional. As sonoras da professora são trechos de sua fala inicial na condução das atividades, os comuns agradecimentos e boas vindas, mas a diferença é demarcada pela alternância entre o português e o changana, língua africana pertencente ao grupo bantu, em deferência às lideranças *Nyanga* ali presentes. A locutora também explica que

[...] em várias colônias da África, as práticas de medicina tradicional foram perseguidas e até criminalizadas, com a expressão “feitiçaria” sendo cunhada pra invalidar aquela forma de saber. Por isso é importante essa moderação de uma mulher que transita entre o saber acadêmico e o saber tradicional. (Tramas coloniais, 2024)

O som de aplausos demonstra o respaldo do grupo à professora, reafirmando a importância da discussão realizada não apenas pelo seu conteúdo, mas igualmente pela representatividade das pessoas envolvidas e pela forma como o encontro estava sendo conduzido. Deste modo, a passagem igualmente traz uma resposta indireta aos questionamentos propostos pelas locutoras e instigados pelo debate desenvolvido ao longo do podcast, mas a amarração final vem nas considerações da locutora ao afirmar que

Matilde Muocha é só um dos muitos exemplos de que, como a gente já falou lá no início do episódio, não existe conhecimento puro, neutro ou universal. As nossas crenças sobre as pessoas e sobre o mundo são sempre filtradas por um sistema de conhecimento pautado por quem o produz e influenciado pelas relações de poder. Entender isso é um passo necessário para desconstruir essa epistemologia europeia colonial entranhada na nossa realidade. A ciência acadêmica, aquela que se faz nas universidades por meio dos métodos e conceitos ocidentais, não é superior, não é melhor, e nem muito menos exclusiva. Ela pode – e deve – conviver tranquilamente com a sabedoria dos *Nyngas* cantando e dançando numa sala de aula. (Tramas Coloniais, 2025)

Uma BG marcante, mas animada, composta por instrumentos de percussão, metais e sopro acompanha a locução. Ao final, o som das mulheres *Nyangas* cantando e dançando vai tomando a cena brevemente, em paralelo com a BG, para logo dar espaço para o anúncio do próximo episódio, cujo tema está centrado no Direito.

Considerações

Embora a narrativa do Tramas Coloniais seja pensada de forma que os conteúdos se ordenam em uma lógica de discussão, é possível compreender os episódios isoladamente, ainda que se possa perder alguma informação ou conhecimento relevante no âmbito geral. Foi com esta percepção que optamos por concentrar esta análise exploratória apenas no segundo episódio, com o intuito de aprofundar a análise ao focar na questão do conhecimento. Esta opção responde ainda ao objetivo de realizar uma análise descritiva que atentasse para o conteúdo e, sempre que possível, para a forma de transmiti-lo.

Como tema, o conhecimento é tratado a partir de diferentes perspectivas, com destaque para seu papel nas áreas da ciência e da educação, mas também buscando demonstrar sua presença no cotidiano (seja como forma de dominação ou de ascensão social).

Observando quem são as pessoas para as quais é concedida a fala, pudemos perceber a preocupação dos produtores com a seleção de entrevistados que compreendessem a realidade estudada a partir dos próprios contextos discutidos, valorizando o conhecimento que a África produz sobre si mesma. Neste ponto, evidencia-se o alinhamento entre a discussão realizada e a prática da produção. Contudo, sendo o gênero é uma categoria relevante dentro da conformação da estrutura colonial, cabe fazer um destaque: há apenas uma mulher entrevistada no episódio e sua participação está ancorada em sua vivência e não em seu pensamento ou sua obra, ainda que tal escolha possa se justificar pela representatividade de Ogunsheye dentro do contexto, bem como pela importância do seu registro histórico. Há, no entanto, o diálogo a produção científica

desenvolvida por mulheres, mas apenas como parte do texto anunciado pelas locutoras.

Com o objetivo de promover uma análise crítica sobre como o colonialismo se estruturou em diferentes espaços, chegando à contemporaneidade, a produção se vale de diversas estratégias pedagógicas, entre as quais podemos citar: explicação, contextualização, historicização, comparação, exemplificação, reforço e questionamento. A utilização dessas estratégias na construção da narrativa indica uma preocupação no sentido de promover uma apreensão efetiva por parte da audiência. De igual modo, mais do que disponibilizar informações, a produção convida constantemente à reflexão.

Ainda que o textual pareça concentrar maior relevância no conjunto, nota-se a preocupação com a sonoridade, seja na construção de ambientes sonoros ou na estética do podcast. Neste item podemos destacar a quantidade de recursos utilizados para quebrar a monotonia das falas, são cortinas, BGs, áudios de entrevista, áudios de documentação histórica, efeitos. De modo geral, a identidade sonora é construída de maneira que os áudios de acompanhamento e transição (BGs e cortinas) sejam ritmados, com forte presença da percussão, remetendo à uma sonoridade que relacionamos genericamente à música africana. Embora não tenhamos destacado ao longo das análises, o silêncio é parte intrínseca da linguagem, nos termos de Eni Orlandi (2007, p. 13), é “a respiração da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”. Logo, além do papel estrutural de permitir com a compreensão da fala, pode ser interpretado também de forma mais ampla, por sua contribuição para direcionar o entendimento e permitir a reflexão da audiência.

Por fim, compreende-se que a produção utiliza estratégias narrativas (textuais e sonoras) que contribuem com a construção de um conhecimento crítico sobre o tema, ampliando o que sabemos tanto sobre o período colonial nos países africanos e seus reflexos atuais quanto sobre nossa própria história e atualidade.

Bibliografia

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11, mai/ago. Brasília: UnB, 2013. p. 89-117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: mar 2018.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (Organizadores da tradução). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

LARA, Eloína Castro. Hacia la Comunicación (en)clave decolonial: acercamientos y articulaciones. In: SARDINHA, Antonio; LIMA, Veronica Maria Alves; LARA, Eloína Castro; BELMONTE, Valeria (org). **Decolonialidade, Comunicação e Cultura**. Macapá: UNIFAP, 2022.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologías plurales en los estudios radiofónicos. **La Trama de la Comunicación**, vol. 29, n. 1 - enero/junio 2025, p. 102-136. Disponível em: <https://latrama.unr.edu.ar/index.php/trama/article/view/893/602>. Acesso em: out, 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; ROZA, Sabrina; DA SILVA, Ariane Stefanie. Perspectivas interseccionais nos estudos radiofônicos: articulações na pesquisa brasileira. **Encuentros Latinoamericanos**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 161–181, 2025. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/view/2633>. Acesso em: out, 2025.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista estudos feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: GEN Atlas, 2021.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. **Anais 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772/645>. Acesso em: 25 fev. 2025.

MIGNOLO, Walter. Epistemic disobedience and the decolonial option: A manifesto. **Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World**, v. 1, n. 2, 2011.

MIGNOLO, Walter D.; BRUSSOLO VEIGA, Isabella. Desobediência Epistêmica, Pensamento Independente e Liberdade Decolonial. **Revista X, [S. l.]**, v. 16, n. 1, p. 24–53, 2021. DOI: 10.5380/rvx.v16i1.78142. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78142>. Acesso em: 15 mar. 2025.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A invenção da África**: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

MUSTAFÁ, Izani. A humanização no jornalismo científico em três podcasts brasileiros: uma pesquisa exploratória descritiva com inspiração em critérios da análise audioestrutural. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 03, p. 39- 57, set./dez. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

TRAMAS COLONIAIS. **Episódio 2 - De onde vem o seu conhecimento?**, publicado em 16 out 2024. Disponível em: <https://tramascoloniais.com.br/#episodios> . Acesso em: fev 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A Colonialidade do Saber**: etnocentrismo e ciências sociais – Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.